

# Camelôs ocupam calçada na Rodoviária

**JOÃO CARLOS RODRIGUES**

Como as formigas, eles andam em grupo. A exemplo delas, estão em toda parte. São os camelôs, que vivem em busca de novos espaços para vender suas mercadorias em Brasília. Nas últimas semanas, aumentou o número de ambulantes ocupando o estacionamento em frente ao Conjunto Nacional e a calçada da passarela que o liga a Rodoviária ao Conic, no Setor de Diversões Sul. Ali, no coração da capital da República, expõem roupas, calçados e outros produtos a preços bem inferiores aos dos lojistas. Nos próximos dias, o Governo do Distrito Federal fechará o cerco sobre esses trabalhadores autônomos.

Por não pagarem impostos nem aluguéis de lojas, os camelôs vendem mer-

cadorias com preços atrativos. Uma calça de brim pode ser comprada por R\$ 25,00, enquanto um jaqueta custa apenas R\$ 20,00 e um par tênis R\$ 10,00. As botas de camurça são vendidas por R\$ 15,00. Bermudas e camisetas saem, cada peça, por R\$ 3,00. Ou, então, quatro peças por R\$ 10,00, caso o freguês queira aproveitar a promoção dos ambulantes. Nas lojas, garantem, esses produtos são no mínimo 50% mais caros.

**Empregos** - Depois do fechamento da Feira do Paraguai, os camelôs sabem que andam na mira do GDF. Mesmo assim, não temem andar vendendo pelas ruas da cidade. "Se a gente não fizer isso, como vai viver?", indaga o camelô José Dantas, casado, pai de uma filha e morador de Taguatinga. "Morrer de fome é que não dá", acrescenta. "Se

conseguisse um emprego fixo, não estava aqui", completa Francisco Chagas, casado, pai de três filhos e morador de Samambaia. Como ambulante, reclama, ganha pouco.

Embora os ambulantes afirmem que vendem mercadorias nas ruas por falta de empregos, o GDF quer acabar com esse comércio. Uma operação com o objetivo de retirá-los das imediações do Conjunto Nacional será deflagrada nos próximos dias, informa a Assessoria de Comunicação Social da Administração de Brasília. O anúncio da medida não provoca indignação apenas nos camelôs. Os clientes também não querem que eles sejam retirados do local. "Se não comprar roupas deles, não posso vestir meus filhos", declara a empregada doméstica Joselina Soares Gonçalves, 32 anos.